

Pesquisadores em saúde pública: o retrato de uma comunidade brasileira*

Angela Maria Belloni Cuenca**

Daisy Pires Noronha***

Ana Cristina d'Andretta Tanaka****

Resumo: Estudo descritivo que objetiva conhecer as características sócio-demográficas e acadêmicas dos pesquisadores brasileiros da área de saúde pública. A população estudada foi constituída por 237 pesquisadores dos nove Programas de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, níveis mestrado e doutorado, constantes no sistema CAPES, em 2001. A coleta de dados foi elaborada por meio de questionário eletrônico, respondido via Web, cujo módulo inicial foi destinado a caracterizar o pesquisador segundo a faixa etária, áreas de formação, titulação e atuação acadêmica, e o tempo dedicado às atividades acadêmicas e científicas. Também foi verificado uso da Internet no seu dia-a-dia acadêmico. O retorno dos questionários foi de 63,7%. A análise realizada permite destacar que a maioria dos pesquisadores encontra-se na faixa etária entre 41 e 60 anos, grande parte trabalhando em regime de tempo integral e dedicando-se exclusivamente às suas atividades acadêmico-científicas, em instituições públicas, principalmente universidades. São docentes experientes no ensino da pós-graduação, pois a maioria atua nesse segmento da carreira acadêmica há mais de dez anos. A comunidade estudada teve sua formação acadêmica básica principalmente na área das ciências biológicas, com destaque para a medicina. Quanto à categoria temática que atuam, de acordo com o DeCS – Descritores em Ciências da Saúde, destacam-se as especialidades “Epidemiologia e Bioestatística” e “Administração e Planejamento de Saúde”. A quase totalidade (94,9%) da comunidade acadêmica estudada utiliza a internet para suas atividades acadêmico-científicas, e grande parte o faz com propósitos principalmente de comunicação, acessando diariamente o correio eletrônico. Dentre os recursos da internet, o correio eletrônico é o mais utilizado pela grande maioria (96,9%), sendo que, desta, 87,3% o fazem diariamente. A web aparece em segundo lugar de uso (91,1%), com navegação diária apontada por 55,6% dos docentes. Portanto, pode-se considerar que os pesquisadores, docentes dos programas de pós-graduação da área de saúde pública, constituem-se em massa crítica já constituída e consolidada que contribui para a formação de novos pesquisadores e na multiplicação e fortalecimento de agentes que buscam a melhoria da saúde da população brasileira.

Palavras-chave: Saúde pública. Pós-graduação. Docentes. Pesquisadores. Internet

1. Introdução

A saúde pública é uma área multidisciplinar, atuando em vários segmentos da vida humana. É campo do conhecimento científico que se ocupa da investigação com o precípuo objetivo de melhorar as condições de saúde da população.

Por essa sua característica envolve uma multiplicidade de profissionais voltados a “identificar novos problemas e a buscar soluções de aplicação dos conhecimentos adquiridos para a melhoria da saúde da

* Parte de tese de doutorado “Uso da Internet por docentes da área de saúde pública no Brasil”, apresentada à Faculdade de Saúde Pública da USP, em 2004

** Profa. Dra. do Departamento de Saúde Materno-Infantil e Diretora da Biblioteca-Centro de Informação e Referência da Faculdade de Saúde Pública da USP. <abcuenca@usp.br>

*** Profa. Dra. do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da USP. <daisynor@usp.br>

**** Profa. Dra. Do Departamento de Saúde Materno Infantil da Faculdade de Saúde Pública da USP

população” com ações diversificadas nos aspectos médicos, sociais, legais, de planejamento/administração, de técnicas, entre outros. Enfim, envolve os profissionais que, de uma maneira ou outra, atuam na melhoria da saúde da população, desenvolvendo ações preventivas e curativas.

A formação do pesquisador em saúde pública é feita em cursos de especialização e de pós-graduação, oferecidos, via de regra, por instituições públicas. Os primeiros “sanitaristas” preparados para levar à população recursos e ensinamentos para a melhoria das condições de vida foram formados em faculdades de medicina, institutos de pesquisa, departamentos nacionais de saúde, por meio de “cursos de aperfeiçoamento”. A equipe de formadores era constituída por professores e pesquisadores que abraçaram a saúde pública como meta de vida, formando multiplicadores em todo país.

Até a década de 70 do século passado, a formação do sanitário ou profissional da saúde pública era feita em cursos de especialização (hoje denominados *latu sensu*) e cuja demanda provinha dos organismos de saúde das esferas municipal, estadual ou federal. Com a reforma universitária em 1968, foram criados os cursos de pós-graduação (*strictu sensu*) voltados ao preparo do profissional para a academia (ensino e pesquisa), complementando, por outro lado, a formação dada nos de especialização. A clientela desses cursos é multiprofissional, envolvendo pessoal graduado das áreas biológicas (médicos, enfermeiros, nutricionistas, farmacêuticos, veterinários, etc.), humanas (ciências sociais, antropólogos, sociólogos, economistas, advogados, etc.) e exatas (engenharia, estatística, matemática, etc.), cuja demanda é consequência da necessidade de titulação para progredir na carreira universitária, no investimento em sua capacitação profissional para concorrência do mercado de trabalho e, principalmente, pela dedicação à pesquisa e à docência na formação de novos pesquisadores.

Os cursos de pós-graduação em saúde pública, credenciados pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) compõem os chamados Programas de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, uma das áreas que compõem a de Ciências da Saúde, que oferecem a titulação de Mestre e Doutor.

A comunidade de docentes da área de saúde pública, assim como nas demais áreas do conhecimento, representa um elo significativo no ciclo da comunicação científica porque produz conhecimento e forma pesquisadores (Cuenca, 2004). Vale conhecer o perfil dessa comunidade que atua na formação de pesquisadores da área saúde pública cujos dados podem contribuir para o estabelecimento de indicadores e de medidas de input da comunidade científica brasileira.

2 Objetivo

Analisar as características sócio-demográficas e acadêmicas dos docentes que atuam nos programas brasileiros de pós-graduação em saúde pública, em ambos os níveis mestrado e doutorado.

3. Método

3.1. Universo de estudo

Pelo cadastro mantido pela CAPES, em 2002, foram identificados 9 Programas de Pós-Graduação em Saúde Coletiva no Brasil, que ofereciam cursos de mestrado e doutorado.

O universo de estudo foi constituído por 372 docentes identificados no “Cadastro de docentes” da CAPES, nas secretarias dos Programas de Pós-Graduação e no diretório de pesquisadores da Plataforma Lattes/CNPq.

3.2. Coleta dos dados

A coleta de dados foi realizada por meio de questionário auto-aplicável, encaminhado por meio de correio eletrônico a cada um dos docentes selecionados. Para garantir a participação daqueles que eventualmente pudessem ser não-usuários da internet e atender àqueles que não puderam responder o questionário eletrônico, foram enviados questionários impressos por via postal.

O questionário foi estruturado, identificando-se as características sócio-demográficas e acadêmicas dos docentes estudados: faixa etária, formação na graduação e titulação acadêmica (mestrado e doutorado),

áreas temáticas de atuação, vínculo institucional, regime de trabalho, tempo de atuação na pós-graduação e distribuição de tempo para as atividades acadêmicas.

Para a indicação da área temática de atuação do docente, foi utilizada a classificação do vocabulário DeCS (Descritores em Ciências da Saúde), desenvolvido pela BIREME, para a área de Saúde Pública (Categoria Saúde Pública - SP do DeCS).

4 Resultados e Discussão

Dos 372 docentes contatados, 237 (63,7%) responderam ao questionário, sendo 149 (62,9%) no formato eletrônico e 88 (37,1%), no impresso.

Pela Tabela 1 verifica-se que houve uma representatividade de docentes de todos os Programas de Pós-Graduação em mais de 50%. A Faculdade de Medicina da USP teve a participação de todos os docentes identificados (100%), seguida da Faculdade de Saúde Pública da USP e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que tiveram representatividade de seus docentes de 74,2% e 73,9%, respectivamente.

Tabela 1 - Número de docentes contatados e docentes respondentes, segundo os Programas de Pós-Graduação em Saúde Pública.

Programa de Pós-Graduação em	Instituições	No. de questionários enviados	Questionários respondidos		Representação por Instituição
			No.	%	%
Saúde Pública	USP - Faculdade de Saúde Pública	124	92	38,8	74,2
Saúde Pública	FIOCRUZ - Escola Nacional de Saúde Pública	87	44	18,6	50,6
Saúde Coletiva	UERJ - Instituto de Medicina Social	36	19	8,0	52,8
Saúde Coletiva	UNICAMP - Faculdade de Ciências Médicas	31	17	6,8	54,8
Saúde Coletiva	UFBA - Instituto de Saúde Coletiva	24	13	5,5	54,2
Epidemiologia	UFRGS - Univ. Federal do Rio Grande do Sul	23	17	8,0	73,9
Medicina Preventiva	USP - Faculdade de Medicina	19	19	8,0	100
Saúde da Mulher e da Criança	FIOCRUZ - Instituto Fernandes Figueira	17	10	4,2	58,8
Epidemiologia	UFPEL - Universidade Federal de Pelotas	11	6	2,5	54,5
TOTAL	9 Programas	372	237	100	63,7

a) Faixa etária

A maior parte dos docentes encontra-se nas faixas dos 41-50 (39,2%) e 51-60 (36,7%) anos de idade. Com mais de 60 anos, 33 docentes (13,9%) e, apenas três, têm menos de 30 anos (Tabela 2).

Considerando-se que os pesquisadores atuando na pós-graduação e com a titulação mínima de mestre, era de se esperar a predominância de faixa etária mais madura como ocorreu. O pesquisador demora mais para se titular - no mínimo, seis anos, levando-se em conta que o jovem pesquisador se dedique à pós-graduação logo após graduar-se. Em grande parte dos casos, e dependendo das normas adotadas nas instituições, essa titulação pode durar até 13 anos.

Comparando-se esse achado com os de ANDRADE, obtidos em 1992, verifica-se que a comunidade brasileira de docentes da área de saúde pública com idade superior a 40 anos vem aumentando. Outro trabalho de ANDRADE e col., realizado em 2003 com comunidade de docentes de instituição acadêmica brasileira em saúde pública, apresentou média de idade de 51,9 anos, com forte concentração na faixa etária de 50 a 69 anos.

O predomínio dessas faixas de idade, pode caracterizar um período de produtividade acadêmica. Para Meadows (1999) o fator idade somente é importante se atrelado ao período de vida profissional do docente em que a produtividade seja maior ou menor. Segundo esse autor, o docente tende a produzir menos durante o período em que está se formando, passa por um período posterior de alta produtividade e depois por um de declínio, à medida que envelhece. O resultado obtido parece mostrar então que os docentes dos Programas de Pós-Graduação em Saúde Pública encontram-se em fase produtiva de conhecimentos, dado que a maior parte (75,9%) da comunidade brasileira de docentes, que está entre 41 e 60 anos.

Tabela 2 – Número de docentes, segundo faixa etária.

Faixa etária	N	%
21-30	3	1,3
31-40	16	6,8
41-50	93	39,2
51-60	87	36,7
61 ou +	33	13,9
Não responderam	5	2,1
TOTAL	237	100

b) Local de formação e titulação do docente

A maior parte dos docentes formou-se e titulouse no Brasil. Verifica-se que todas as regiões do Brasil contribuíram na graduação dos docentes dos Programas de Pós-Graduação em Saúde Pública, embora com uma concentração na região sudeste, que deteve 70,9% dos formandos. A titulação dos docentes, tanto de mestrado como doutorado concentram-se também na região Sudeste do país; nenhum docente titulouse na região Norte. Na região Sudeste houve predominância do Estado de São Paulo para graduação (47,7%), mestrado (48,9%) e doutorado (78,0%), seguido do Estado do Rio de Janeiro com 15,3% para graduação, 21,1% para mestrado e 17,3% para doutorado. Este resultado não foge ao esperado uma vez que a região sudeste concentra a maior parte dos Programas (Tabela 3).

Tabela 3 – Número de docentes, segundo região geográfica da instituição onde ocorreu sua formação e titulação.

Brasil – Região Geográfica	Exterior	Total
----------------------------	----------	-------

Formação acadêmica	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Norte	Nordeste	Sub-Total		
	No. (%)	No. (%)	No. (%)	No. (%)	No. (%)	No. (%)	No. (%)	No. (%)
Graduação*	144 (70,9)	16 (7,9)	16 (7,9)	3 (1,5)	11 (5,4)	190 (93,6)	13 (6,4)	203 (100)
Mestrado**	138 (71,1)	4 (2,1)	6 (3,1)	-	7 (3,6)	155 (79,9)	39 (20,1)	194 (100)
Doutorado***	167 (78,0)	5 (2,3)	2 (0,9)	-	7 (3,3)	181 (84,6)	33 (15,4)	214 (100)
Outra	19 (25,0)	2 (2,6)	-	-	-	21 (27,6)	30 (39,5)	76 (100)

* 34 não responderam ; ** 43 não responderam; *** 23 não responderam.

Apenas 6,4% dos docentes obtiveram sua graduação no exterior. Vale destacar, no entanto, o número de docentes titulados no exterior: 20,1% para o mestrado e 15,4% para o doutorado. Os países mais procurados para o mestrado foram os Estados Unidos (17), seguido de países da Europa - Inglaterra (12) e França (7) - e o México (2). Para o doutorado, houve mais diversificação de países, com predomínio da Europa, com Inglaterra (16), França (7), Espanha (1) e Itália (1), seguida por Estados Unidos (6), Canadá (2) e México (2).

c) Áreas temáticas de formação acadêmica, titulação e atuação na pós-graduação

A característica multidisciplinar de que se reveste o campo da saúde pública é identificada nas diferentes áreas de seus pesquisadores, não só na sua graduação, como na titulação na pós-graduação e na atuação nos Programas.

A maioria dos docentes estudados teve sua formação acadêmica básica em ciências biológicas, tanto na graduação como na titulação em mestrado e doutorado (Tabela 4). Na graduação, houve predomínio para essa área em 75,6%. Os demais são representados pelas duas outras grandes áreas, ciências humanas (16,0%) e exatas (8,9%). As especialidades predominantes dessa área são: medicina (48,4%), biologia (6,2%), odontologia (5,3%). Nas áreas de humanas predomina a graduação em ciências sociais (5,8%) e nas ciências exatas, a engenharia (5,3%).

Tanto no mestrado como doutorado também houve predomínio das áreas biológicas (83,7% e 88,6%, respectivamente), porém com certa tendência em absorver pesquisadores de outras áreas, principalmente as da ciências sociais.

Tabela 4 – Número de docentes, segundo áreas da graduação e titulação na pós-graduação

Formação acadêmica	Áreas do conhecimento			Total
	Biológicas	Humanas	Exatas	
	No. (%)	No. (%)	No. (%)	No. (%)
Graduação*	170 (75,6)	36 (16,0)	20 (8,9)	231 (100)
Mestrado**	169 (83,7)	21 (10,4)	12 (5,9)	202 (100)
Doutorado***	203 (88,6)	20 (8,8)	6 (2,6)	229 (100)

*6 não responderam; **35 não responderam; ***8 não responderam

Estes resultados aproximam-se de estudos de Andrade (1992) e Andrade e col. (2003), em comunidade acadêmica em saúde pública, em que foi encontrado o predomínio da formação médica no primeiro estudo (53,7%) e de 28,6% no estudo posterior. Mesmo mantendo a primazia, nota-se que houve um declínio da área médica no campo da saúde pública nas últimas décadas. Embora não muito expressiva verifica-se um crescimento do número de de profissionais de outras áreas do conhecimento atuando nos cursos de saúde pública

A especialização temática onde atual os docentes dos Programas de Pós-graduação em saúde pública foi obtida utilizando-se a categoria "SP-Saúde Pública" do vocabulário DeCS-Descritores em Ciências da Saúde, da BIREME (Tabela 5). Dos respondentes, 187 docentes (78,9%) enquadraram sua atuação nas categorias indicadas e 30 (12,7%) indicaram outras categorias não contempladas no vocabulário usado.

As categorias mais destacadas foram Epidemiologia e Bioestatística (27,8%), Administração e Planejamento de Saúde (21,9%), Saúde Ambiental (16,0%), totalizando 65,7%. Na categoria "outras" destacam-se as áreas: promoção da saúde, saúde do trabalhador, antropologia médica, bioética, saúde materno-infantil, educação em saúde, entomologia.

Tabela 5 - Número de docentes segundo especialidade temática de acordo com a classificação do DeCS- Descritores em Ciências da Saúde.

Categoria SP - Saúde Pública	Nº de docentes	%
Administração e planejamento em saúde	52	21,9
Cuidados de saúde	11	4,6
Saúde Ambiental	38	16,0
Epidemiologia e Bioestatística	66	27,8
Nutrição	15	6,3
Reforma do setor saúde	2	0,8
Demografia	3	1,3
Desastres	-	-
Outras**	30	12,7
Não responderam	20	8,4
TOTAL	237	100

* não incluídas no DeCS

e) Tempo e forma de dedicação às atividades acadêmicas

A maioria dos docentes (46,8%) dedica-se à pós-graduação há mais de 10 anos (Tabela 6), o que vale considerar como experiência na vida acadêmica. Este resultado, de certa forma, condiz com a concentração de docentes na faixa etária de 40-60 anos, ou seja, quase a metade atuando a mais de 10 anos na pós-graduação.

Tabela 6 - Número de docentes, segundo tempo na docência na pós-graduação.

Tempo de atuação na Pós-Graduação	No.	%
< 1 ano	4	1,7
1 a 5 anos	63	26,1
6 a 10 anos	49	21,2

> 10 anos	111	46,9
Sem resposta	10	4,1
Total	237	100,0

Tabela 7 – Número de docentes, segundo regime de trabalho na instituição a qual se vincula.

Regime	Nº	%
Tempo integral 40h/semana	192	81,0
Turno completo 24h/semana ou equivalente	16	6,8
Tempo parcial 12h/semana ou equivalente	5	2,1
Outro	24	10,1
TOTAL	237	100

Considerando-se o regime de trabalho, verificou-se na Tabela 7, que a maioria (81,0%) dos docentes exerce suas atividades acadêmicas em regime de tempo integral, dedicando-se exclusivamente ao ensino, à pesquisa e à extensão em suas instituições de origem, o que condiz com as expectativas das universidades. Este quadro aplica-se a todos os Programas, e condiz também com os achados de ANDRADE, em 1992, que identificou 85,8% de docentes da área de saúde pública no Brasil vinculados a esse regime.

A comunidade estudada dedica grande parte de seu tempo à pesquisa científica, com 124 (52,3%) docentes despendendo 40% a 60% de seu tempo a essa atividade. Apenas 5,5% (13) dedicam mais da metade de seu tempo no ensino, provavelmente referindo-se aqueles que atuam em regime parcial. (Tabela 8). Talvez em consequência do regime de trabalho em dedicação exclusiva, o docente dedica menos tempo ao ensino do que à pesquisa. Esse fato pode ser comprovado quando a maioria (159 - 67,1%) informou dedicar 10% a 30% de seu tempo ao ensino.

Quanto às atividades de extensão e administrativas, a concentração do tempo despendido está entre os menores percentuais. Pouco mais da metade dos docentes dedica até 20% de seu tempo em atividades de extensão (53,2%) e de administração acadêmica (59,5%).

Tabela 8 - Número de docentes, segundo a porcentagem de distribuição do tempo de trabalho para as suas atividades acadêmico-científicas.

Atividades	Porcentagem da distribuição do tempo de trabalho dos docentes											Total
	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%	Não Res p	
Ensino	33	47	79	37	14	9	1	3	-	-	14	237
Pesquisa	14	24	46	50	40	34	12	6	1	-	10	237
Extensão	88	38	24	9	5	-	-	-	-	-	73	237
Administra tivas	106	35	15	11	5	-	3	1	-	-	61	237

Segundo Cuenca (2004), os docentes, ao evoluírem na carreira, geralmente tendem a receber

responsabilidades e encargos administrativos adicionais que podem influir nas demais atividades acadêmico-científicas. No entanto, Meadows (1999), argumenta que os pesquisadores engajados tanto no ensino como na pesquisa e atividades administrativas, ao contrário do que parece acontecer, podem ser mais produtivos do que os que se concentram exclusivamente na pesquisa.

Uso da internet pela comunidade estudada

A internet foi disponibilizada no Brasil a partir de 1995, passando desde então a fazer parte das atividades das comunidades científicas brasileiras. Essa afirmativa é confirmada pelos resultados desta pesquisa, já que, no universo de 94,9% de docentes que usam a internet, mais da metade (61,6%) já a utiliza há mais de cinco anos. A maioria desses docentes considera dominar o uso da internet (73,8%). Dessa forma, fica difícil imaginar que esse fato não tenha trazido transformações no dia-a-dia da comunidade acadêmico-científica brasileira.

Uso dos recursos da internet

Dentre os recursos da internet, o correio eletrônico é o mais utilizado pela grande maioria (96,9%) (Tabela 9), sendo que, desta, 87,3% o fazem diariamente. A *web* aparece em segundo lugar de uso (91,1%), com navegação diária apontada por 55,6% dos docentes. O resultado obtido em relação à preferência pelo uso dos recursos correio eletrônico e *web* foi semelhante ao da grande maioria dos trabalhos levantados. Lally (2001) afirma que mesmo os pesquisadores da área de ciências sociais, que utilizam menos as tecnologias da internet, já consideram esses dois recursos os pilares da infra-estrutura para pesquisa no ambiente eletrônico.

Os demais serviços da internet são pouco utilizados pelos docentes estudados, exceto a transferência de arquivos (FTP), que é utilizada por 64,9% dos docentes, com maior frequência no uso semanal (25,3%) do que no diário (17,3%), conforme Tabela 9. Entretanto, 14 docentes (6,2%) desconheciam esse recurso.

Tabela 9 – Número e porcentagem de docentes dos programas de pós-graduação da área de saúde pública no Brasil (2002), segundo seu conhecimento e uso dos recursos da internet.

Recursos da internet	Desconhec e	Conhece e não utiliza	Uso da internet				Não resp
			diário	semanal	mensal	anual	
	No. (%)	No. (%)	No. (%)	No. (%)	No. (%)	No. (%)	No. (%)
Correio eletrônico (<i>e-mail</i>)	-	-	207 (92,0)	9 (4,0)	1 (0,4)	1 (0,4)	7 (3,1)
WWW - <i>World Wide Web (sites)</i>	1 (0,4)	3 (1,3)	125 (55,6)	66 (29,3)	14 (6,2)	-	16 (7,1)
<i>Newsgroups</i> - Grupos e Listas de Discussão	10 (4,4)	108 (48,0)	23 (10,2)	30 (13,3)	24 (10,7)	5 (2,2)	25 (11,1)
Salas de bate-papo (<i>chats</i> , ICQ)	14 (6,2)	152 (67,6)	3 (1,3)	7 (3,1)	7 (3,1)	5 (2,2)	37 (16,4)
Teleconferências	18 (8,0)	140 (62,2)	-	1 (0,4)	10 (4,4)	18 (8,0)	38 (16,9)

FTP - Transferência e obtenção de arquivos	14 (6,2)	40 (17,8)	39 (17,3)	57 (25,3)	36 (16,0)	12 (5,3)	27 (12,0)
---	-------------	--------------	--------------	--------------	--------------	-------------	--------------

* porcentagem calculada em relação aos 225 docentes que usam a Internet

Além do correio eletrônico e da *web*, recursos importantes que permitem comunicação em tempo real não são utilizados pela maioria dos docentes. Eles desconhecem – ou conhecem, mas não utilizam – os *chats* (73,8%) e as teleconferências (70,2%). Quanto aos grupos e às listas de discussão, poucos docentes desconhecem esses recursos (4,4%), porém muitos não os utilizam (48,0%). Embora tenham sido considerados veículos rápidos de comunicação, revelaram-se pouco úteis para a comunidade estudada (Tabela 9).

Estudos em outras comunidades acadêmicas apresentam índices semelhantes, como o de Cobb e Baird (1999) na área de enfermagem, com apenas 2% dos pesquisadores utilizando *chats* e 3%, os grupos de discussão. No entanto, outros estudos (Applebee 1997, Selwyn 2000) apontam para um crescimento no uso de grupos e listas de discussão nas comunidades acadêmicas.

5 Conclusões

A maioria dos docentes dos programas de pós-graduação em saúde pública são experientes no ensino da pós-graduação, atuando nesse segmento da carreira acadêmica há mais de dez anos. Encontra-se na faixa etária entre 41 e 60 anos, trabalhando em regime de tempo integral. A comunidade estudada teve sua formação e titulação acadêmica principalmente na área das ciências biológicas, com destaque para a medicina, e com certa tendência em absorver pesquisadores das áreas das ciências sociais. A grande maioria dos docentes é formada e titulada no Brasil. No exterior, a formação em graduação e titulação em pós-graduação ocorreu em menor escala. A procura de titulação no exterior foi maior para o doutorado (com destaque a Inglaterra e França) do que para o mestrado, onde os Estados Unidos foi o país mais procurado. A maioria da comunidade docente dos programas estudados tem como regime de trabalho a dedicação exclusiva às atividades acadêmicas com a maior parte de seu tempo voltado à pesquisa.

O correio eletrônico é apontado como o recurso mais utilizado pela comunidade estudada, possibilitando influência positiva na comunicação entre os pesquisadores e propiciando melhoria na condução de pesquisas em colaboração. Isto poderia trazer forte impacto ao conhecimento da saúde pública. A *web* foi o recurso mais utilizado depois do correio eletrônico, sendo que seu maior benefício foi a busca e obtenção de informações bibliográficas e de textos completos dos documentos. Os demais recursos da internet (grupos e listas de discussão, *chats* e teleconferências) ainda são pouco utilizados pela comunidade acadêmica brasileira, assim como acontece em outros países.

Este retrato da comunidade de docentes dos programas de pós-graduação em saúde pública no Brasil mostra uma massa crítica já constituída e consolidada que contribui não só para o engrandecimento e fortalecimento da área como na multiplicação de agentes atuantes na melhoria da saúde da população brasileira. Além disso, pode vir a servir como subsídio para o estabelecimento de medidas de input para melhor definir os padrões científicos da comunidade brasileira na área da saúde.

6. Referências

ANDRADE, M.T.D.de et al. Influência das novas tecnologias no acesso a serviços de informação pelos docentes da área de saúde pública. *Informação & Sociedade*, João Pessoa, v.13, n.1, 2003. Disponível em: <<http://www.informacaoesociedade.ufpb.br>> Acesso em: 21 jul.2003.

- ANDRADE, M.T.D.de *Pesquisa científica em saúde pública: produtividade da comunidade acadêmica brasileira 1983-1989*. São Paulo, 1992. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicações e Artes da USP.
- APPLEBEE A, CLAYTON P, PASCOE C. Australian academic use of internet. *Internet Res: Eletronic Network Applic Policy* 1997; 7(2):85-94.
- COBB S, BAIRD SB. Oncology nurse's use of the internet for continuing education. *J Continuing Educ Nurs* 1999; 30(5):199-202.
- CUENCA, A.M.B. O uso da internet por docentes da área de saúde pública no Brasil. São Paulo, 2004. Tese (Doutorado) - Faculdade de Saúde Pública da USP.
- CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Programas de pós-graduação, por áreas*. Brasília, 2001a. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br>> Acesso em: 01 jun 2001.
- CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Dados da pós-graduação*. Brasília, 2001b. Disponível em <<http://www.capes.gov.br/scripts/SelecionaAnoDadosPosGraduacao.idc>> Acesso em: 03 set 2001.
- LALLY E. A researcher's perspective on eletronic scholarly communication. *Online Inf Rev* 2001; 25(2):80-7.
- MEADOWS, A. J. *A comunicação científica*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1999.
- SELWYN N. Creating a connected community? Teachers's use of an electronic discussion group. *Teach Coll Rec* 2000; 102 (4): 750-78.